

Entrevista Brazilianista diz que o momento econômico é “muito difícil” para o presidente da República

“A única saída do Lula são as exportações”

Jamil Nakad Junior
Do Rio

O historiador Thomas Skidmore, 71 anos, é um dos mais conhecidos brazilianistas. Diretor do centro de estudos latino-americanos da Universidade de Brown, em Rhode Island, nos Estados Unidos, Skidmore foi um dos maiores críticos da gestão Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Simpático ao governo petista, não mede críticas à administração de Luiz Inácio Lula da Silva.

Skidmore diz que o Brasil não tem outra saída a não ser aumentar as exportações e vê um componente cultural no impasse do desenvolvimento tecnológico. “No Brasil ninguém sonha em ser físico, mas tem muita gente querendo ser advogado”, diz numa análise das aspirações da média do brasileiros.

Quanto à crise política, Skidmore diz que a bandeira ética do partido sai abalada do episódio envolvendo o ex-assessor Waldomiro Diniz. Ao evitar uma CPI, o governo mostraria que tem algo a esconder. Pondera, no entanto, que ninguém vai se lembrar do escândalo no futuro próximo. “São tantos os escândalos.”

Autor dos livros de referência mais recomendados pelos centros de estudos brasileiros no exterior, Skidmore veio ao Brasil na semana passada para falar sobre os 40 anos do golpe de 1964 em evento do Centro Cultural do Banco do Brasil. Professor emérito de História, Skidmore tem desde o fim da gestão tucana, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como colega na Universidade de Brown.

Leia a seguir a entrevista.

Valor: Qual a sua avaliação do governo Lula?

Thomas Skidmore: O Brasil está preso. O endividamento é tão grande que o governo tem que impulsionar a economia doméstica para pagar a dívida. Minha perspectiva para o país é pessimista. Mantém-se a política de estagnação para evitar a todo custo a inflação. Isso produz um crescimento quase nulo. Suponho que o presidente Lula continuará com esse programa econômico, sem dinheiro para os programas sociais. Como não tem dinheiro, Lula está correndo o risco de perder o apoio público por conta do desemprego. É uma situação realmente difícil. Não ouvi nenhum economista que tenha uma solução para este problema. Como acelerar o crescimento econômico, sem aumentar a inflação? A fórmula para a política econômica do Brasil que está é a que foi negociada pelo governo FHC com o FMI e o Banco Mundial. Lula está preso, numa situação muito desagradável, e a economia é muito vulnerável no setor externo. Se houver uma queda nas exportações, terá um impacto imediato na balança de pagamentos. É uma hora difícil para Lula.

Valor: O governo o decepcionou ao seguir o receituário do FMI?

Skidmore: A primeira opção para o Brasil é sempre pagar a dívida. Não sobra quase nada para a imaginação no orçamento doméstico. Isso é bem capaz de corromper, minar o prestígio do governo Lula. Os assessores dizem que a taxa de crescimento neste ano vai ser melhor. Mas tem que ser melhor, o ano passado foi nulo. Por pressão das circunstâncias, o governo Lula não tem outra opção senão fazer a política econômica ortodoxa. Se não faz, vai a default. E depois? Esse foi o problema do Jango que não tinha dinheiro para pagar a dívida externa. Fazer uma política mais radical é impossível.

Valor: Uma das suas críticas a FHC era o desamparo às políticas sociais. Lula já mudou isso?

Skidmore: A herança que Fernando Henrique deixou para Lula é uma herança do compromisso com o FMI. Tem que haver um aumento no superávit do orça-

mento doméstico bastante grande. Fernando Henrique quando começou o governo tinha mais espaço para manobra. Ao fim da presidência, deixou uma margem de manobra muito pequena para Lula. Aí entra uma política muito errada do governo Fernando Henrique Cardoso — a sobrevalorização do real. Isso danificou bastante a estrutura de exportação do Brasil. De fato, Lula continua a política de Fernando Henrique. Não tem outra opção.

Valor: Numa entrevista no governo FHC, o sr. defendeu a saída de Pedro Malan da Fazenda e sugeriu sua troca pelo deputado Delfim Netto. Isso serve para Palocci?

Skidmore: Não sei. Delfim Netto fez um milagre na década de 60 e tentou fazer de novo na década de 70 e não conseguiu. Tinha o mesmo problema de estagnação. Mas ele é um símbolo da possibilidade de manipular a coisa. Delfim tinha uma máquina incrível na época para subornar todo mundo. Mas acho que a hora dele já passou. Ele é um dinossauro no Congresso.

Valor: A esquerda petista acreditava numa mudança da política econômica assim que Lula chegasse ao poder...

Skidmore: Qualquer mudança depende do aumento das exportações. A alternativa para se diminuir a pressão nas contas externas é aumentar as exportações. Isso não foi feito no governo FHC e Lula está fazendo um pouco. Essa é a saída para o Brasil: exportação. Nenhum outro governo reconheceu isso. Dessa forma se evitam empréstimos que tem que ser pagos de volta. Nas exportações está se ganhando divisas.

Valor: A opção adotada pela Ar-

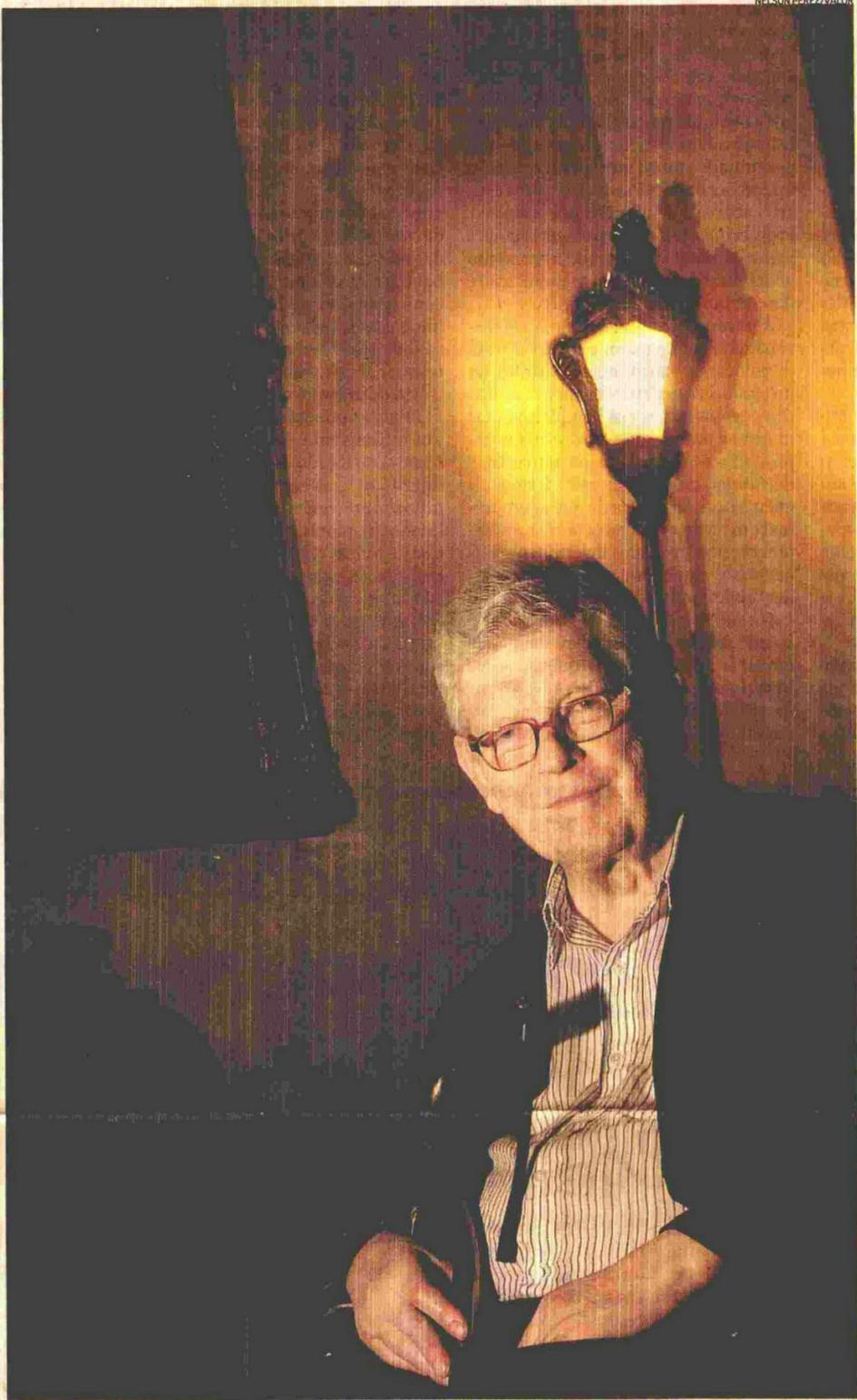
Lula é um presidente que tem que mostrar o tempo todo ser capaz de exercer a Presidência”

gentina não serviria ao Brasil?

Skidmore: A situação do Kirchner é completamente diferente. O Brasil é muito mais moderado. A Argentina fez uma burrice tremenda fixando o peso igual ao dólar. Isso criou uma tremenda sobrevalorização do câmbio. Distorceu muito a economia argentina enquanto todos os sábios do FMI, Banco Mundial, diziam: “Muito bem. Muito bem. Deixa. Continua”. E criou uma crise mais profunda na América Latina desde a grande depressão. A Argentina estava no fundo do poço. Não tinha nada a perder. Kirchner pegou uma situação de desvantagem e fez dela uma vantagem. Ele está falando muito grosso aos credores particulares. A Argentina está dizendo: “Vamos dar 25%”. Que generosidade! Interessante é que a economia se recuperou. Vamos ver o que Kirchner vai fazer, porque ele demonstrou imaginação. Mas a Argentina sempre exagera. No governo militar, por exemplo, torturou-se muito mais e se produziram dez mil mortos. Mas é um momento interessante. Todos os credores estão estupefatos. Perderam. A Argentina tem a vantagem e é quem indica os termos de pagamento da dívida. Mas a Argentina vai provavelmente criar uma bagunça no fim, porque lá é difícil seguir uma política inteligente, contínua, sem desvios.

Valor: Tem alguma lição da experiência argentina?

Skidmore: Todo mundo em Washington e Nova York está dizendo: “Não, Brasil. Não faça isso”. A única coisa que interessa aos bancos é receber dinheiro de volta e o país está massacrando a economia para pagar a dívida. Se houvesse um deslize, se o Brasil tivesse que não pagar, isso seria



Thomas Skidmore: “Lula não tem a mesma experiência de Fernando Henrique para manipular as instituições”

capaz de criar uma reação grande dentro do país.

Valor: Para exportar mais, o país precisa de uma política comercial mais agressiva. A de Lula está a seu contento?

Skidmore: Não. Precisa muito mais, principalmente no setor industrial. O Brasil precisa aumentar muito as exportações industriais, com muito mais valor agregado. As exportações brasileiras estão muito concentradas em matérias-primas. Precisa uma ofensiva de investimento em ciência e tecnologia. A indústria brasileira ainda não está em condições de competir no mercado mundial. Isso é essencial. Estamos continuando com o ideal do bacharel, do advogado. Quando se pergunta a alguém o que quer fazer quando crescer, a resposta é: ser advogado. Não vai dizer que quer ser físico. Ainda há distorção dos valores culturais. O Brasil ainda fica na dependência dos outros países mais industrializados na área tecnológica. Isso é básico e deveria ser a prioridade número um. O governo Lula não conseguiu fazer as prioridades para acelerar o crescimento econômico. O mais importante é o investimento, que está em cerca de 17% do PIB, quando deveria ser pelo menos de 25%. Mas estão ainda continuando o mesmo modelo, esperando por mais um empréstimo.

Valor: A nova política industrial vai trazer crescimento?

Skidmore: Tivemos outros projetos de política industrial que ficaram no papel. Esse é o problema. Espero que saia do papel, mas duvido. Os hábitos são muito fortes. Parece que ninguém tem a imaginação criadora para sair desse modelo que foi herdado. Parece que não tem uma alternativa econômica. O governo

parece um pouco passivo e está tentando reagir às coisas. Deveria ir para a ofensiva. A imagem que se tem do Lula no momento é como se ele fosse um bombeiro que está correndo para apagar o fogo. Está tentando fazer tudo com a personalidade dele.

Valor: Isso o torna populista?

Skidmore: Bastante. É como o garoto que chega numa fábrica de doces e que fica louco pelos doces. Está faltando disciplina. Obviamente, tem viagens fora do Brasil demais. Parece que Lula é um presidente que tem que mostrar ser capaz de ser presidente. Não sei se Lula tem uma equipe com disciplina suficiente para

duvido que se precise de dinheiro para as campanhas. Campanha política no Brasil é muito cara. Lula também tem um ideal de lealdade e está num dilema. Está desgastando a imagem do partido. É uma pena. Vamos ver.

Valor: Qual foi o deslize do governo neste episódio?

Skidmore: Acho que foi um erro do partido evitar a CPI. Por que não deixar a CPI funcionar? Ninguém sabia o que iam dizer. É possível que eles digam que foi uma coisa pequena, que tem outra explicação, mas pelo menos um processo democrático. Agora dificultar uma CPI implica ter alguma coisa escondida. Esse é problema.

Valor: Mas caso se criasse uma CPI o risco na imagem poderia ser pior, como o que aconteceu com Fernando Collor?

Skidmore: É possível. Essa situação é muito ruim.

Valor: O governo FHC era hábil em esconder as crises, segundo defensores de Lula. O governo Lula não tem essa habilidade?

Skidmore: Fernando Henrique é um membro dourado da elite. Sabe manipular as instituições. É muito inteligente. Lula não tem a mesma experiência de FHC.

Valor: A esquerda brasileira perde sua oportunidade histórica?

Skidmore: O sistema estatal brasileiro é um monstro muito difícil de mudar. Todos os políticos são tentados a fortalecer a situação deles, inclusive o pessoal do PT. E querem maximizar o poder no Congresso. O índice de distribuição de riqueza não mudou quase nada desde 1970. Continua a mesma desigualdade. Como se vai mudar isso? É muito complicado porque tem a ver com desemprego e muitas instituições desiguais. Provavelmente, a única maneira para a es-

querda beneficiar o Brasil é acelerar o crescimento, porque os ricos não vão ceder os bens para os pobres. O rico brasileiro defende ferozmente a propriedade. Tem que ter um crescimento da economia para dividir. É por isso que é tão importante acelerar o crescimento. O PT está correndo o risco de parecer como qualquer outro partido. Tem esses escândalos e não faz nada. Há uma incapacidade de se movimentar a máquina. Isso causa desilusão.

Valor: Com o sr. vê as últimas pesquisas que mostram a queda da avaliação e da aprovação do governo e na confiança do presidente?

Skidmore: A queda é ruim porque o prestígio do presidente é importante para o partido e para o governo. Isso cria uma atmosfera de fraqueza. O político fraco é vulnerável para o ataque da oposição. É uma pena. Não sei se ele vai sobreviver, se as pessoas vão esquecer o escândalo. Há tantos escândalos no Brasil que as pessoas nem vão se lembrar deste. Quem lembra hoje, por exemplo, de Sérgio Naya, quantos morreram no Bateau Mouche? Receber dinheiro do pessoal do jogo é muito menor. Mas isso depende do público.

Valor: E a imagem de Lula pelo mundo?

Skidmore: A imagem de Lula agora está muito associada com a política de comércio exterior. O Itamaraty está indo muito bem ao tentar proteger o Brasil e outros países da América do Sul, contra os Estados Unidos. A Alca pode absorver a todos. A imagem de Lula como protetor do Terceiro Mundo é muito positiva.

Valor: A oposição crítica a política agressiva e de confrontação aos países do Primeiro Mundo. O sr. concorda?

Skidmore: Pode ter razão. Tem aqui o aspecto de estilo. Tem sempre alguém lembrando ao Brasil que o país é do Terceiro Mundo, que não pode abandonar a ortodoxia econômica. Isso é um drama de cada dia e faz o país ter que reconhecer que tem muito pouco poder de barganha. Os países desenvolvidos vão ficar bravos com a confrontação, mas esse é um dilema do Terceiro Mundo. O fato é que o crescimento dos países industrializados continua e o Brasil e outros países como o México estão atrás. Agora, o Brasil e a Argentina são os maiores devedores do FMI.

Valor: A política comercial de Lula funciona?

Skidmore: O problema é que o país não tem poder. Não adianta melhorar as relações comerciais com países que não têm nada a contribuir com o Brasil. Isso parece o traço do presidente que quer aparecer declarando a presença brasileira em todos os continentes. Afixar a bandeira brasileira. Provavelmente em alguns casos, fracassando. Mas faz parte dessa frustração, para descobrir uma maneira de sair da situação atual. Alguém diz, vamos tentar localizar novos aliados. Em princípio, é uma boa idéia, porque o Itamaraty e Lula estão tentando descobrir algo para tirar dessa condição de estar estagnado.

Valor: Ao se aproximar de partidos de centro e centro direita para conseguir a governabilidade, o PT pode perder a identidade?

Skidmore: Pode. O problema é o sistema eleitoral que foi criado depois do governo militar. Foi uma reação exagerada à rigidez do regime militar, o sistema bipartidário. Agora tem a lei eleitoral que é tão frouxa que todo mundo pode mudar de partido quase que diariamente. Isso cria muitas dificuldades para o país.

Valor: Depois de 15 meses de governo, houve mudança em relação ao de FHC?

Skidmore: Não acho. Não houve por causa do problema do setor externo. Todo mundo está esperando o governo Lula começar com as reformas de nutrição, educação, habitação... Isso seria a grande diferença. Essa foi a idéia do movimento do PT, mas está faltando dinheiro.